

Toda a criação só tem 6.000 anos?

Deus prova a sua grandeza e seu poder pela imutabilidade das suas leis e não pela ab-rogação delas. (Allan Kardec)

A Ciência e a Religião não puderam, até hoje, entender-se, porque, encarando cada uma as coisas do seu ponto de vista exclusivo, reciprocamente se repeliam. Faltava com que encher o vazio que as separava, um traço de união que as aproximasse. Esse traço de união está no conhecimento das leis que regem o Universo espiritual e suas relações com o mundo corpóreo, leis tão imutáveis quanto as que regem o movimento dos astros e a existência dos seres. (Allan Kardec)

Prefácio

Vemos que este tema levanta muitas discussões, até mesmo pela literalidade das passagens encontradas no livro da Gênese mosaica, bem como entre os criacionistas e evolucionistas. De um lado uns defendem que a terra e todo o universo foram criados em 6 dias por Deus, sem atravessar os degraus evolutivos, assim como relata Moisés, de outro lado os evolucionistas que defendem uma criação que levou milhares de anos através de um processo natural e seguindo a evolução não somente da terra, como também de todo o universo, porém numa visão ateísta, sem uma razão primária, que seria Deus. Pois bem, este estudo vem não a dissociar tais correntes, mas associar seus conceitos e traçar uma união entre a fé e a ciência, pois diga-se de passagem, verdade não poderá contradizer a verdade. Outrossim, iremos ainda discorrer sobre a lenda bíblica de Jó e as profecias do fim dos tempos, traçando assim um desfecho para este princípio de tudo o que existe de material e imaterial, levando-nos ao objetivo comum, a evolução, a fim de estamos, quem sabe um dia, a direita do Pai, revelado pelo Mestre Jesus. Enfim, iremos subdividir os temas em tópicos para facilitar ao acompanhamento dos prezados leitores.

I. Considerações iniciais	2
II. Gênese Mosaica	2
1. Os seis dias	2
2. Carbono 14	8
III. A Lenda Bíblica de Jó	8
IV. O Juízo Final	9
V. Considerações finais	11

I. Considerações iniciais

De acordo com nossa análise, do conhecimento que adquirimos ao longo da trajetória e visão de mundo, dizemos que toda a criação não possui apenas 6000 anos. A priori, não nos baseamos nas Escrituras para efeito de datação da criação, pois como já foi dito, trata-se de figura de linguagem e em muitas passagens que certamente nos remetem um sentido velado e real. A estimativa de que a ciência atual, ou seja a geologia, mais precisamente a estratigrafia, nos fornece o que é mais aproximado da verdade a informação de que a Terra tem 4,54 bilhões de anos e o Universo 13,73 bilhões de anos, com o diâmetro de 93 bilhões de anos luz, de acordo com a teoria da relatividade geral. Isso é o que a humanidade pode chegar de mais próximo da verdade através da ciência, no momento. [1]

Outrossim, quando nos deparamos com acertivas de que a ciência não é a verdade perante a religião, o que temos que ter em mente é justamente o oposto, pois a ciência nada mais é do que o descobrimento das leis naturais que certamente tiveram uma razão de existir e um princípio que é Deus, bem como nos é revelado na primeira questão do que é que Deus na obra “O Livro dos Espíritos”. A partir deste princípio do que é que Deus, podemos elucubrar em torno dos atributos de Deus que é detalhadamente destrinchado na mesma obra, partindo assim para outros assuntos de igual relevância.

II. Gênese Mosaica

Neste momento deverá ser traçado um ponto de congruência, pois como já foi dito, a verdade não poderá desmentir a verdade. Se a ciência chegar a algum tema em que a religião estiver em erro, essa deverá serguir o caminho daquela e vice-versa.

1. Os seis dias

Dessa forma, A Gênese nos esclarece em seu capítulo XII:

1. -CAPÍTULO I. - 1. No começo criou Deus o Céu e a Terra. - 2. A Terra era uniforme e inteiramente nua; as trevas cobriam a face do abismo e o Espírito de Deus boiava sobre as águas. - 3. Ora, Deus disse: Faça-se a luz e a luz foi feita. - 4. Deus viu que a luz era boa e separou a luz das trevas. - 5. Deu à luz o nome de dia e às trevas o nome de noite e da tarde e da manhã se fez o primeiro dia. 6. Disse Deus também: Faça-se o Firmamento no meio das águas e que ele separe das águas as águas. - 7. E Deus fez o Firmamento e separou as águas que estavam debaixo do Firmamento das que estavam acima do Firmamento. E assim se fez. - 8. E Deus deu ao Firmamento o nome de céu; da tarde e da manhã se fez o segundo dia. 9. Disse Deus ainda: Reunam-se num só lugar as águas que estão sob o céu e apareça o elemento árido. E assim se fez. - 10. Deus deu ao elemento árido o nome de terra e chamou mar a todas as águas reunidas. E viu que isso estava bem. - 11. Disse mais Produza a terra a erva verde que traz a semente e árvores frutíferas que dêem

frutos cada um de uma espécie, e que contenham em si mesmas as suas sementes, para se reproduzirem na terra. E assim se fez. - 12. A terra então produziu a erva verde que trazia consigo a sua semente, conforme a espécie, e árvores frutíferas que continham em si mesmas suas sementes, cada uma de acordo com a sua espécie. E Deus viu que estava bom. - 13. E da tarde e da manhã se fez o terceiro dia. 14. - Deus disse também: Façam-se corpos de luz no firmamento do céu, a fim de que separem o dia da noite e sirvam de sinais para marcar o tempo e as estações, os dias e os anos. - 15. Brilhem eles no firmamento do céu e iluminem a Terra. E assim se fez. - 16. Deus então fez dois grandes corpos luminosos, um, maior, para presidir ao dia, o outro, menor, para presidir à noite; fez também as estrelas. - 17. E os pôs no firmamento do céu, para brilharem sobre a Terra. - 18. Para presidirem ao dia e à noite e para separarem a luz das trevas. E Deus viu que estava bom. - 19. E da tarde e da manhã se fez o quarto dia. 20. Disse Deus ainda: Produzam as águas animais vi vos que nadem nas águas e pássaros que voem sobre a Terra debaixo do firmamento do céu. - 21. Deus então criou os grandes peixes e todos os animais que têm vida e movimento, que as águas produziram, cada um de uma espécie, e criou também todos os pássaros, cada um de uma espécie. Viu que estava bom. - 22. E os abençoou, dizendo: Crescei e multiplicai-vos e enchei as águas do mar; e que os pássaros se multipliquem sobre a Terra. - 23. E da tarde e da manhã se fez o quinto dia. 24. Também disse Deus: Produza a Terra animais vivos, cada um de sua espécie, os animais domésticos e os animais selvagens, em suas diferentes espécies. E assim se fez. - 25. Deus fez, pois, os animais selvagens da Terra em suas espécies, os animais domésticos e todos os reptis, cada um de sua espécie. E Deus viu que estava bom. 26. Disse, em seguida: Façamos o homem a nossa imagem e semelhança e que ele mande sobre os peixes do mar, os pássaros do céu, os animais, sobre toda a Terra e sobre todos os reptis que se movem na terra. - 27. Deus então criou o homem à sua imagem e o criou à imagem de Deus e o criou macho e fêmea. - 28. Deus os abençoou e lhes disse: Crescei e multiplicai-vos, enchei a Terra e sujeitai-a, dominai sobre os peixes do mar, sobre os pássaros do céu e sobre todos os animais que se movem na terra. - 29. Disse Deus ainda: Dei-vos todas as ervas que trazem sua semente à terra e todas as árvores que encerram em si mesmas suas sementes, cada uma de uma espécie, a fim de que vos sirvam de alimento. - 30. E dei-as a todos os animais da terra, a todos os pássaros do céu, a tudo o que se move na Terra e que é vivo e animado, a fim de que tenham com que se alimentar. E assim se fez. - 31. Deus viu todas as coisas que havia feito; eram todas muito boas. - 23. E da tarde e da manhã se fez o sexto dia.

CAPÍTULO II. - 1. O Céu e a Terra ficaram, pois, acabados assim com todos os seus ornamentos. - 2. Deus terminou no sétimo dia toda a obra que fizera e repousou nesse sétimo dia, após haver acabado todas as suas obras. - 3. Abençoou o sétimo dia e o santificou, porque cessara nesse dia de produzir todas as obras que criara. - 4. Tal a origem do Céu e da Terra e é assim que eles foram criados no dia que o Senhor fez um e outro. - 5. E que criou todas as plantas dos campos antes que houvessem saído da terra e todas as ervas das planícies antes que houvessem germinado. Porque, o Senhor Deus ainda não tinha feito que chovesse sobre a terra e não havia homem para lavrá-la. - 6. Mas da terra se elevava uma fonte que lhe regava toda a superfície. 7. O Senhor Deus formou, pois, o homem do limo da terra e lhe espalhou sobre o rosto um sopro de vida, e o homem se tornou vivente e animado.

2. -Depois das explanações contidas nos capítulos precedentes sobre a origem e a constituição do Universo, conformemente aos dados fornecidos pela Ciência, quanto à parte material, e pelo Espiritismo, quanto à parte espiritual, convém ponhamos em confronto com tudo isso o próprio texto da Gênese de Moisés, a fim de que cada um faça a comparação e julgue com conhecimento de causa. Algumas explicações complementares bastarão para tornar compreensíveis as partes que precisam de esclarecimentos especiais.

3. - Sobre alguns pontos, há, sem dúvida, notável concordância entre a Gênese moisaica e a doutrina científica; mas, fora erro acreditar que basta se substituam os seis dias de 24 horas da criação por seis períodos indeterminados, para se tornar completa a analogia. Não menor erro seria o acreditar-se que, afora o sentido alegórico de algumas palavras, a Gênese e a Ciência caminham lado a lado, sendo uma, como se vê, simples paráfrase da outra.

4. - Notemos, em primeiro lugar, que, como já se disse (cap. VII, nº 14), é inteiramente arbitrário o número de seis períodos geológicos, pois que se eleva a mais de vinte e cinco o das formações bem caracterizadas, número que, ao demais, apenas determina as grandes fases gerais. Ele só foi adotado, em começo, para encaixar as coisas, o mais possível, no texto bíblico, numa época, aliás pouco distante, em que se entendia que a Ciência devia ser controlada pela Bíblia Essa a razão por que os autores da maior parte das teorias cosmogônicas, tendo em vista facilitar-lhe a aceitação, se esforçaram por pôr-se de acordo com o texto sagrado. Logo que se apoiou no método experimental, a Ciência sentiu-se mais forte e se emancipou. Hoje, é ela que controla a Bíblia.

Doutro lado, a Geologia, tomando por ponto de partida unicamente a formação dos terrenos graníticos, não abrange, no cômputo de seus períodos, o estado primitivo da Terra. Tampouco se ocupa com o Sol, com a Lua e com as estrelas, nem com o conjunto do Universo, assuntos esses que pertencem à Astronomia. Para enquadrar tudo na Gênese, cumpre se acrescente um primeiro período, que abarque essa ordem de fenômenos e ao qual se poderia chamar - período astronômico.

Além disso, nem todos os geólogos consideram o diluviano como formando um período distinto, mas como um fato transitório e passageiro, que não mudou sensivelmente o estado climático do globo, nem marcou uma fase nova para as espécies vegetais e animais, pois que, com poucas exceções, as mesmas espécies se encontram, assim antes, como depois do dilúvio. Pode-se, pois, abstrair desse período, sem menosprezo da verdade.

5. - O quadro comparativo aqui abaixo, em o qual se acham resumidos os fenômenos que caracterizam cada um dos seis períodos, permite se considere o conjunto e se notem as relações e as diferenças que existem entre os referidos períodos e a Gênese bíblica.

CIÊNCIA	GÊNESE
I. PERÍODO ASTRONÔMICO - Aglomeração da matéria cósmica universal, num ponto do espaço, em nebulosa que deu origem, pela condensação da matéria em diversos pontos, às estrelas, ao Sol, à Terra, à Lua e a todos os planetas. Estado primitivo, fluídico e incandescente da Terra. -Atmosfera imensa carregada	1º DIA - O Céu e a Terra. - A luz

de toda a água em vapor e de todas as matérias volatilizáveis.	
II. PERÍODO PRIMÁRIO. - Endurecimento da superfície da Terra, pelo resfriamento; formação das camadas graníticas. - Atmosfera espessa e ardente, impenetrável aos raios solares. - Precipitação gradual da água e das matérias sólidas volatilizadas no ar. - Ausência completa de vida orgânica.	2º DIA - O Firmamento - Separação das águas que estão acima do Firmamento das que lhe estão debaixo.
III. - PERÍODO DE TRANSIÇÃO. - As águas cobrem toda a superfície do globo. - Primeiros depósitos de sedimentos formados pelas águas. - Calor úmido. - O Sol começa a atravessar a atmosfera brumosa. - Primeiros seres organizados da mais rudimentar constituição. - Líquens, musgos, fetos, licopódios, plantas herbáceas. Vegetação colossal. - Primeiros animais marinhos: zoófitos, polípeiros, crustáceos. - Depósitos de hulha.	3º DIA - As águas que estão debaixo do Firmamento se reúnem; aparece o elemento árido. - A terra e os mares. - As plantas.
IV. PERÍODO SECUNDÁRIO. - Superfície da Terra pouco acidentada; águas pouco profundas e paludosas. Temperatura menos ardente; atmosfera mais depurada. Consideráveis depósitos de calcários pelas águas. - Vegetação menos colossal; novas espécies; plantas lenhosas; primeiras árvores. - Peixes; cetáceos; animais aquáticos e anfíbios.	4º DIA - O Sol, a Lua e as estrelas.
V. PERÍODO TERCIÁRIO. - Grandes intumescimentos da crosta sólida; formação dos continentes. Retirada das águas para os lugares baixos; formação dos mares. - Atmosfera depurada; temperatura atual produzida pelo calor solar. - Gigantescos animais terrestres. Vegetais e animais da atualidade. Pássaros.	5º DIA - Os peixes e os pássaros.
DILÚVIO UNIVERSAL VI. PERÍODO QUATERNÁRIO OU PÓS-DILUVIANO. - Terrenos de aluvião. - Vegetais e animais da atualidade. - O homem	6º DIA - Os animais terrestres. - O homem.

6. - Desse quadro comparativo, o primeiro fato que ressalta é que a obra de cada um dos seis dias não corresponde de maneira rigorosa, como o supõem muitos, a cada um dos seis períodos geológicos. A concordância mais notável se verifica na sucessão dos seres orgânicos, que é quase a mesma, com pequena diferença, e no aparecimento do homem, por último. É esse um fato importante.

Há também coincidência, não quanto à ordem numérica dos períodos, mas quanto ao fato em si, na passagem em que se lê que, ao terceiro dia, «as águas que estão debaixo do céu se reuniram num só lugar e apareceu o elemento árido». É a expressão do que ocorreu no período terciário, quando as elevações da crosta sólida puseram a descoberto os continentes e repeliram as águas, que foram formar os mares. Foi somente então que apareceram os animais terrestres, segundo a Geologia e segundo Moisés.

7. - Dizendo que a criação foi feita em seis dias, terá Moisés querido falar de dias de 24 horas, ou terá empregado essa palavra no sentido de período, de duração? É mais provável a primeira hipótese, se nos ativermos ao texto acima, primeiramente, porque esse é o sentido próprio da palavra hebraica *iôm*, traduzida por dia. Depois, a referência à tarde e à manhã, como limitações de cada um dos seis dias, dá lugar a que se suponha haja ele querido falar de dias comuns. Não se pode conceber qualquer dúvida a tal respeito, estando dito, no versículo 5: «Ele deu à luz o nome de dia e às trevas o nome de noite; e da tarde e da manhã se fez o primeiro dia.» Isto, evidentemente, só se pode aplicar ao dia de 24 horas, constituído de períodos de luz e de trevas. Ainda

mais preciso se torna o sentido, quando ele diz, no versículo 17, falando do Sol, da Lua e das estrelas: «Colocou-as no firmamento do céu, para luzirem sobre a Terra; para presidirem ao dia e à noite e para separarem a luz das trevas. E da tarde e da manhã se fez o quarto dia.» Aliás, tudo, na criação, era miraculoso e, desde que se envereda pela senda dos milagres, pode-se perfeitamente crer que a Terra foi feita em seis vezes 24 horas, sobretudo quando se ignoram as primeiras leis naturais. Todos os povos civilizados partilharam dessa crença, até ao momento em que a Geologia surgiu a lhe demonstrar a impossibilidade.

8. - Um dos pontos que mais criticados têm sido na Gênese é o da criação do Sol depois da luz. Tentaram explicá-lo, com o auxílio mesmo dos dados fornecidos pela Geologia, dizendo que, nos primeiros tempos de sua formação, por se achar carregada de vapores densos e opacos, a atmosfera terrestre não permitia se visse o Sol que, assim, efetivamente não existia para a Terra. Semelhante explicação seria, porventura, admissível se, naquela época, já houvesse na Terra habitantes que verificassem a presença ou a ausência do Sol. Ora, segundo o próprio Moisés, então, somente plantas havia, as quais, contudo, não teriam podido crescer e multiplicar-se sem o calor solar. Há, pois, evidentemente, um anacronismo na ordem que Moisés estabeleceu para a criação do Sol; mas, involuntariamente ou não, ele não errou, dizendo que a luz precedeu o Sol.

O Sol não é o princípio da luz universal; é uma concentração do elemento luminoso em um ponto, ou, por outra, do fluido que, em dadas circunstâncias, adquire as propriedades luminosas. Esse fluido, que é a causa, havia necessariamente de preceder ao Sol, que é apenas um efeito. O Sol é causa, relativamente à luz que dele se irradia; é efeito, com relação à que recebeu.

Numa câmara escura, uma vela acesa é um pequeno sol. Que é que se fez para acender a vela? Desenvolveu-se a propriedade iluminante do fluido luminoso e concentrou-se num ponto esse fluido. A vela é a causa da luz que se difunde pela câmara; mas, se não existira o princípio luminoso antes da vela, esta não pudera ter sido acesa.

O mesmo se dá com o Sol. O erro provém da idéia falsa, alimentada por longo tempo, de que o Universo inteiro começou com a Terra. Dai o não compreenderem que o Sol pudesse ser criado depois da luz. Em princípio, pois, a asserção de Moisés é perfeitamente exata: é falsa no fazer crer que a Terra tenha sido criada antes do Sol. Estando, pelo seu movimento de translação, sujeita a esse último, a Terra houve de ser formada depois dele. É o que Moisés não podia saber, pois que ignorava a lei de gravitação. Com a mesma idéia se depara na Gênese dos antigos persas. No primeiro capítulo do Vendidad, Ormuz, narrando a origem do mundo, diz: «Eu criei a luz que foi iluminar o Sol, a Lua e as estrelas.» (Dicionário de Mitologia Universal.) A forma, aqui, é sem dúvida mais clara e mais científica do que em Moisés e não reclama comentários.

9. - Moisés, evidentemente, partilhava das mais primitivas crenças sobre a cosmogonia. Como os do seu tempo, ele acreditava na solidez da abóbada celeste e em reservatórios superiores para as águas. Essa idéia se acha expressa sem alegoria, nem ambigüidade, neste passo (versículos 6 e seguintes) : «Deus disse: Faça-se o Firmamento no meio das águas para separar das águas as águas. Deus fez o Firmamento e separou as águas que

estavam debaixo do Firmamento das que estavam por cima do Firmamento.» (Veja-se: cap. V, Antigos e modernos sistemas do mundo, nos. 3, 4 e 5) Segundo uma crença antiga, a água era tida como o princípio primitivo, o elemento gerador, pelo que Moisés não fala da criação das águas, parecendo que já elas existiam. «As trevas cobriam o abismo», isto é, as profundezas do espaço, que a imaginação imprecisamente figurava ocupada pelas águas e em trevas, antes da criação da luz. Eis aí por que Moisés diz: «O Espírito de Deus era levado (ou boiava) sobre as águas.» Tida a Terra como formada no meio das águas, era preciso insulá-la. Imaginou-se então que Deus fizera o Firmamento, uma abóbada sólida, para separar as águas de cima das que estavam sobre a Terra. A fim de compreendermos certas partes da Gênese, faz-se indispensável que nos coloquemos no ponto de vista das idéias cosmogônicas da época que ela reflete.

10. - Em face dos progressos da Física e da Astronomia, é insustentável semelhante doutrina (1). Entretanto, Moisés atribui ao próprio Deus aquelas palavras. Ora, visto que elas exprimem um fato notoriamente falso, uma de duas: ou Deus se enganou em a narrativa que fez da sua obra, ou essa narrativa não é de origem divina. Não sendo admissível a primeira hipótese, forçoso é concluir que Moisés apenas exprimiu suas próprias idéias. (Cap. I, nº 3.)

(1) Embora muito grosseiro o erro de tal crença, com ela ainda se embalam presentemente as crianças, como se se tratara de uma verdade sagrada. Só a tremem ousam os educadores aventurar-se a uma tímida interpretação. Como quererem que isso não venha mais tarde a fazer incrédulos

11. - Ele se houve com mais acerto, dizendo que Deus formou o homem do limo da Terra (1). A Ciência, com efeito, mostra (cap. X) que o corpo do homem se compõe de elementos tomados à matéria inorgânica, ou, por outra, ao limo da terra. A mulher formada de uma costela de Adão é uma alegoria, aparentemente pueril, se admitida ao pé da letra, mas profunda, quanto ao sentido. Tem por fim mostrar que a mulher é da mesma natureza que o homem, que é por conseguinte igual a este perante Deus e não uma criatura à parte, feita para ser escravizada e tratada qual hilota Tendo-a como saída da própria carne do homem, a imagem da igualdade é bem mais expressiva, do que se ela fora tida como formada, separadamente, do mesmo limo. Equivale a dizer ao homem que ela é sua igual e não sua escrava, que ele a deve amar como parte de si mesmo.

(1) O termo hebreu haadam, homem, do qual se compôs Adão e o termo haadama, terra, têm a mesma raiz.

12. - Para espíritos incultos, sem nenhuma idéia das leis gerais, incapazes de apreender o conjunto e de conceber o infinito, essa criação milagrosa e instantânea apresentava qualquer coisa de fantástico que feria a imaginação. O quadro do Universo tirado do nada em alguns dias, por um só ato da vontade criadora, era, para tais espíritos, o sinal mais evidente do poder de Deus. Que configuração, com efeito, mais sublime e mais poética desse poder, do que a que estas palavras traçam: «Deus disse: Faça-se a luz e a luz foi feita!» Deus, a criar o Universo pela ação lenta e gradual das leis da Natureza, lhes houvera parecido menor e menos poderoso. Fazia-se-lhes indispensável qualquer coisa de maravilhoso, que saísse dos moldes comuns, do contrário teriam dito que Deus não era mais hábil do que os homens. Uma teoria científica e racional da

criação os deixaria frios e indiferentes. Não rejeitemos, pois, a Gênese bíblica; ao contrário, estudemo-la, como se estuda a história da infância dos povos. Trata-se de uma época rica de alegorias, cujo sentido oculto se deve pesquisar; que se devem comentar e explicar com o auxílio das luzes da razão e da Ciência. Fazendo, porém, ressaltar as suas belezas poéticas e os seus ensinamentos velados pela forma imaginosa, cumpre se lhe apontem expressamente os erros, no próprio interesse da religião. Esta será muito mais respeitada, quando esses erros deixarem de ser impostos à fé, como verdade, e Deus parecerá maior e mais poderoso, quando não lhe envolverem o nome em fatos de pura invenção. (KARDEC, A. A Gênese, Capítulo XII).

2. Carbono 14

Como foi dito anteriormente, a medida que a humanidade evolui, o seu pensamento sobre Deus e a Criação também se aproximam da verdade. A ciência é mais uma ferramenta para atingirmos essa verdade. A evolução do pensamento científico passou por transformações, desde o geocentrismo dos gregos antigos até o heliocentrismo de Copérnico ao modelo newtoniano do Sistema Solar.

Dessa forma, evidenciamos o experimento que se dá através do carbono 14 que é um isótopo radioativo natural do elemento do carbono, devido a sua numeração a sua massa 14, sendo 6 prótons e 8 nêutrons. A sua maior meia-vida é de mais de 5.700 anos. A datação consiste em todo tecido orgânico quando morre, vai perdendo a incidência de carbono podendo chegar a um limite de 70.000 anos a sua datação. [2]

III. A lenda bíblica de Jó

Deveremos nos ater somente à passagem que trata do Leviatã, como alguns chamam de um animal pré-histórico, tal como o dinossauro, mas vamos à passagem e depois seguiremos para nossos comentários em seguida.

“Por acaso você é capaz de pescar o Leviatã com anzol e amarrar-lhe a língua com uma corda? Você é capaz de furar as narinas dele com junco e perfurar sua mandíbula com gancho? Será que ele viria até você com muitas súplicas ou lhe falaria com ternura? Será que faria uma aliança com você, para você fazer dele o seu criado perpétuo? Você brincará com ele como se fosse um pássaro, ou você o amarrará para suas filhas? Será que os pescadores o negociarão, ou os negociantes o dividirão entre si? Poderá você crivar a pele dele com dardos ou a cabeça com arpão de pesca? Experimente colocar a mão em cima dele: você se lembrará da luta, e nunca mais repetirá isso! Veja! Diante dele, toda segurança é apenas ilusão, pois basta alguém velo para ficar com medo. Ninguém é tão corajoso para provocá-lo. Quem poderia enfrentá-lo cara a cara? Quem jamais se atreveu a desafiá-lo, e saiu ileso? Ninguém debaixo de todo o céu. Não deixarei de descrever os membros dele, nem sua força incomparável. Quem abriu sua couraça e penetrou por sua dupla armadura? Quem abriu as duas portas de sua boca, rodeadas de dentes terríveis? Suas costas são fileiras de escudos, ligados com lacre de pedra; são

tão unidos uns com os outros, que nem ar passa entre eles; cada um é tão ligado com o outro, que ficam travados e não se podem separar. Seus espirros lançam faíscas, e seus olhos são como a cor rosa da aurora. De sua boca irrompem tochas acesas e saltam centelhas de fogo. De suas narinas jorra fumaça, como de caldeira acesa e fervente. Seu bafo queima como brasa, e sua boca lança chamas. Em seu pescoço reside a força, e diante dele dança o terror. Os músculos do seu corpo são compactos, são sólidos e imóveis. Seu coração é duro como rocha e sólido como pedra de moinho. Quando ele se ergue, os heróis tremem e fogem apavorados. A espada que o atinge não penetra, nem a lança, nem o dardo, nem o arpão. Para ele o ferro é como palha, e o bronze como madeira podre. A flecha não o afugenta, e as pedras da funda se transformam em palha para ele. A maça é para ele como estopa, e ele zomba dos dardos que assobiam. Seu ventre, coberto de escamas pontudas, é uma grade de ferro que se arrasta sobre o lodo. Ele faz ferver o fundo do mar como caldeira, e a água fumegar como vasilha quente cheia de unguentos. Atrás de si deixa uma esteira brilhante, e a água parece cabeleira branca. Na terra ninguém se iguala a ele, pois foi criado para não ter medo. Ele se confronta com os seres mais altivos, e é o rei das feras soberbas". (Jó 40,25-41,26)

Vejamos como nos explicam a palavra Leviatã:

Leviatã (ou também o Dragão, a Serpente Fugitiva – cf. 26,13; 40,25+; Is 27,1; 51,9; Am 9,3; Sl 74,14; 104,26) era, na mitologia fenícia, monstro do caos primitivo (cf. 7,12+); a imaginação popular podia sempre rezear que despertasse, atraído por uma eficaz maldição contra a ordem existente... (Bíblia de Jerusalém, p. 805).

Segundo a história dos mitos, Leviatã foi considerado pela Igreja Católica durante a Idade Média, como o demônio representante do quinto pecado, a Inveja, também sendo tratado com um dos sete príncipes infernais. Uma nota explicativa revela uma primeira definição: "monstro que se representa sob a forma de crocodilo, segundo a mitologia fenícia" (Velho Testamento, 1957: 614). Não se deve perder de vista que nas diversas descrições no Antigo Testamento, sendo que ele é caracterizado sob diferentes formas, uma vez que se funde com outros animais. Formas como a de dragão marinho, serpente e polvo (semelhante ao Krakken) também são bastante comuns [3]. Sem meias palavras, Leviatã nada mais é do que um personagem mitológico e de longe se pareceria com um dinossauro.

IV. O Juízo Final

Muitos acreditam piamente e de pés juntos numa provável destruição do planeta por algum cataclismo, outros ainda creem numa 3ª grande guerra que poderia por um fim na existência humana e conseqüentemente um julgamento de todas as nações por Jesus. Outros ainda se baseiam na data dada pelos Maias que o mundo acabará em 12/12/2012. Se nem Jesus sabia o dia e a hora de um evento dado como o juízo final, não seríamos nós que iríamos datar este evento, pois segundo o Mestre, nem Ele, nem os anjos e somente o Pai (Deus) sabia o dia e a hora. Embora, acreditamos que este evento seria aplacado a toda a humanidade, Kardec, em seus

estudos nos apresenta uma visão bem detalhada na Codificação e aborda este assunto na Gênese, conforme abaixo.

Juízo final

62. - Ora, quando o Filho do homem vier em sua majestade, acompanhado de todos os anjos, assentar-se-á no trono de sua glória; - e, reunidas à sua frente todas as nações, ele separará uns dos outros, **como um pastor separa dos bodes as ovelhas**, e colocará à sua direita as ovelhas e à sua esquerda os bodes. - Então, dirá o Rei aos que estiverem à sua direita: Vinde, benditos de meu Pai, etc. (São Mateus, cap. XXV, vv. 31 a 46. - O Evangelho segundo o Espiritismo, cap. XV.)

63. - Tendo que reinar na Terra o bem, necessário é sejam dela excluídos os Espíritos endurecidos no mal e que possam acarretar-lhe perturbações. Deus permitiu que eles aí permanecessem o tempo de que precisavam para se melhorarem; mas, chegado o momento em que, pelo progresso moral de seus habitantes, o globo terráqueo tem de ascender na hierarquia dos mundos, interdito será ele, como morada, a encarnados e desencarnados que não hajam aproveitado os ensinamentos que uns e outros se achavam em condições de aí receber. Serão exilados para mundos inferiores, como o foram outrora para a Terra os da raça adâmica, vindo substituí-los Espíritos melhores. Essa separação, a que Jesus presidirá, é que se acha figurada por estas palavras sobre o juízo final: **«Os bons passarão à minha direita e os maus à minha esquerda.»** (Cap. XI, nos 31 e seguintes.)

64. - A doutrina de um juízo final, único e universal, pondo fim para sempre à Humanidade, repugna à razão, por implicar a inatividade de Deus, durante a eternidade que precedeu à criação da Terra e durante a eternidade que se seguirá à sua destruição. Que utilidade teriam então o Sol, a Lua e as estrelas que, segundo a Gênese, foram feitos para iluminar o mundo? Causa espanto que tão imensa obra se haja produzido para tão pouco tempo e a benefício de seres votados de antemão, em sua maioria, aos suplícios eternos.

65. - Materialmente, a idéia de um julgamento único seria, até certo ponto, admissível para os que não procuram a razão das coisas, quando se cria que a Humanidade toda se achava concentrada na Terra e que para seus habitantes fora feito tudo o que o Universo contém. É, porém, inadmissível, desde que se sabe que há milhares de milhares de mundos semelhantes, que perpetuam as Humanidades pela eternidade em fora e entre os quais a Terra é dos menos consideráveis, simples ponto imperceptível.

Vê-se, só por este fato, que Jesus tinha razão de declarar a seus discípulos: **«Há muitas coisas que não vos posso dizer, porque não as compreenderíeis»**, dado que o progresso das ciências era indispensável para uma interpretação legítima de algumas de suas palavras. Certamente, os apóstolos, S. Paulo e os primeiros discípulos teriam estabelecido de modo muito diverso alguns dogmas se tivessem os conhecimentos astronômicos, geológicos, físicos, químicos, fisiológicos e psicológicos que hoje possuímos. Daí vem o ter Jesus adiado a completação de seus ensinamentos e anunciado que todas as coisas haviam de ser restabelecidas.

66. - *Moralmente, um juízo definitivo e sem apelação não se concilia com a bondade infinita do Criador, que Jesus nos apresenta de contínuo como um bom Pai, que deixa sempre aberta uma senda para o arrependimento e que está pronto sempre a estender os braços ao filho pródigo. Se Jesus entendesse o juízo naquele sentido, desmentiria suas próprias palavras.*

Ao demais, se o juízo final houvesse de apanhar de improviso os homens, em meio de seus trabalhos ordinários, e grávidas as mulheres, caberia perguntar-se com que fim Deus, que não faz coisa alguma inútil ou injusta, faria nascerem crianças e criaria almas novas naquele momento supremo, no termo fatal da Humanidade. Seria para submetê-las a julgamento logo ao saírem do ventre materno, antes de terem consciência de si mesmas, quando, a outros, milhares de anos foram concedidos para se inteirarem do que respeita à própria individualidade? Para que lado, direito ou esquerdo, iriam essas almas, que ainda não são nem boas nem más e para as quais, no entanto, todos os caminhos de ulterior progresso se encontrariam desde então fechados, visto que a Humanidade não mais existiria? (Cap. II, nº 19.)

Conservem-nas os que se contentam com semelhantes crenças; estão no seu direito e ninguém nada tem que dizer a isso; mas, não achem mau que nem toda gente partilhe delas.

67. - *O juízo, pelo processo da emigração, conforme ficou explicado acima (nº 63), é racional; funda-se na mais rigorosa justiça, visto que conserva para o Espírito, eternamente, o seu livre-arbítrio; não constitui privilégio para ninguém; a todas as suas criaturas, sem exceção alguma, concede Deus igual liberdade de ação para progredirem; o próprio aniquilamento de um mundo, acarretando a destruição do corpo, nenhuma interrupção ocasionará à marcha progressiva do Espírito. Tais as consequências da pluralidade dos mundos e da pluralidade das existências.*

Segundo essa interpretação, não é exata a qualificação de juízo final, pois que os Espíritos passam por análogas fieiras a cada renovação dos mundos por eles habitados, até que atinjam certo grau de perfeição. Não há, portanto, juízo final propriamente dito, mas juízos gerais em todas as épocas de renovação parcial ou total da população dos mundos, por efeito das quais se operam as grandes emigrações e imigrações de Espíritos. (KARDEC, A. A Gênese, Capítulo XVII, Predições do Evangelho, Juízo Final)

Considerações finais

Diante de tudo que foi apresentado, entendemos em consonância com a base da codificação espírita que a Gênese mosaica deve ser entendida não pela sua literalidade, mas por grandes períodos geológicos e assim fundir a ciência e a religião. Embora saibamos da lenda bíblica de Jó, Leviatã não passa de uma figura mitológica, sem querermos forçar para a interpretação literal de um animal pré-histórico e o juízo final nada mais é do que a separação dos bodes e das ovelhas, trazendo à terra a possibilidade de passar de um planeta de provas e expiações para um planeta de

regeneração. Aqueles que estiverem atrasando o progresso de nosso planeta, estes serão exilados para planetas ainda mais atrasados com a tarefa de darem continuidade a evolução do planeta em que se encontrarem, igualmente o que ocorreu com a raça adâmica em tempos imemoriais ocorrido em nosso planeta. Uma destruição em massa não caberia como propósito da criação que segue uma evolução através de leis naturais, o que ocorre e com frequência são os flagelos naturais que visam o resgate coletivo e o abreviamento dos dias do fim dos tempos, preditos pelo mestre Jesus.

Thiago Toscano Ferrari
Julho / 2012
(Revisado / Outubro 2013)

Referências bibliográficas:

KARDEC, A. *A Gênese*. São Paulo, SP: PETIT, 2004.

KARDEC, A. *O Livro dos Espíritos*. São Paulo, SP: PETIT, 2004.

Bíblia de Jerusalém, São Paulo: Paulus, 2002.

[1] <http://pt.wikipedia.org/wiki/Terra> - 27/12/2011 às 14:56

[1] <http://pt.wikipedia.org/wiki/Universo> - 27/12/2011 às 15:44

[2] http://pt.wikipedia.org/wiki/Carbono_14 - 27/12/2011 às 16:20

[3] [http://pt.wikipedia.org/wiki/Leviat%C3%A3_\(monstro\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Leviat%C3%A3_(monstro)) - 27/12/2011 às 16:45